

Por sofrer o impacto direto da inflação e não conseguir assimilar nenhum benefício de quase 30 anos de indexação da economia, a maioria da sociedade já percebeu, das sucessivas negações de mágicas e choques econômicos pelo ministro Fernando Henrique Cardoso, que o alarde em torno de planos que caíam do céu como pára-quedas é sempre feito por representantes da minoria que se indexou à inflação.

Choques e mágicas são mais interessantes do que processos duradouros de combate à inflação para os que dispõem de meios financeiros de driblar a inflação, ou dela se tornaram sócios. É que os planos que prometem a cura imediata da inflação não passam de panacéia. Funcionam como um tônico: em pouco tempo a inflação volta ainda mais feroz e lucrativa para os sócios ocultos.

Nos países democráticos do Primeiro Mundo, a consciência da representação dos cidadãos faz os políticos colocarem a fiscalização dos gastos do Executivo como dever nº 1. O rigor orçamentário é a garantia de estabilização econômica e do não aumento de impostos, que custa votos nas eleições. Não sobra espaço para mágicas.

No Brasil, infelizmente, o cidadão não costuma usar a consciência fiscal na hora de votar. A tradição do paternalismo vende através dos políticos, campeões da utilização das verbas públicas

para obras de cunho eleitoral, a ilusão de que o Estado é a solução dos problemas nacionais. Na verdade, o Estado é mais problema do que solução.

A desordem nas finanças públicas vem sendo mascarada há mais de uma década pelos truques de quase 30 anos de indexação. Mas, além do cansaço da maioria da sociedade, o próprio Estado se exauriu financeiramente e não consegue cumprir as obrigações mínimas na área social.

A correção dos descaminhos que levaram o Estado à falência é processo que exige participação de todos, a começar pelo Congresso, que precisa redefinir as funções a serem exercidas pelo Estado. A revisão constitucional é a grande oportunidade de transferir funções ao setor privado, mais eficiente, de repartir encargos entre União, estados e municípios, e de ajustar as obrigações do Estado ao tamanho da receita. É terapia dolorosa, mas de eficácia comprovada.

A insistência do ministro Fernando Henrique Cardoso de combater a inflação e estabilizar a economia também na frente política mostra que o ministro está preparado para tudo no processo de derrubar a inflação — menos para enganar a sociedade com promessas de curar sem dor males da economia que não passam de efeitos colaterais da política.